

A COMUNICAÇÃO NA ÓTICA DO DECRETO *INTER MIRIFICA*

José Luciano Gabriel¹
Romério da Silva de Souza²

RESUMO

Tomando os meios de comunicação social como ferramenta a serviço da evangelização, esta pesquisa busca apresentá-los sob a ótica do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*, apresentando uma introdução histórica sobre esse tema na Igreja; as orientações do Decreto e os ecos do mesmo documento, através da fala dos Papas posteriores ao Concílio Vaticano II. A Igreja Católica Apostólica Romana vivenciou fases diferente na sua relação com a comunicação, mas após o Concílio Vaticano II oferece importantes reflexões para uma comunicação social comprometida com a promoção da dignidade humana. Conclui-se que os meios de comunicação são ferramentas úteis à evangelização e ao aperfeiçoamento humano, mas devem ser utilizadas à luz da ética.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; evangelização; *Inter Mirifica*; ética, dignidade humana.

ABSTRACT

Taking the means of social communication as a tool at the service of evangelization, this research seeks to present them from the perspective of the Conciliar Decree *Inter Mirifica*, presenting a historical introduction on this topic in the Church; the guidelines of the Decree and the echoes of the same document, through the speech of the Popes after the Second Vatican Council. The Roman Catholic Apostolic Church experienced different phases in its relationship with communication, but after the Second Vatican Council it offers important reflections for social communication committed to the promotion of human dignity. It is concluded that the means of communication are useful tools for evangelization and human improvement, but they must be used in the light of ethics.

KEYWORDS: communication; evangelization; *Inter Mirifica*; ethics, human dignity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO. 2 IGREJA E COMUNICAÇÃO. 3 O DECRETO CONCILIAR *INTER MIRIFICA*. 3.1 UM DOCUMENTO INOVADOR. 3.2 A COMUNICAÇÃO É UM DIREITO DE ORDEM NATURAL. 4 OS PAPAS E SUAS MENSAGENS SOBRE A COMUNICAÇÃO. 5 CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS.

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Ciências das Religiões e em Direito Internacional Público. Pós-graduado em Direito Matrimonial Canônico; Direito Público e Psicanálise Clínica. Graduado em Filosofia, Teologia e Direito. Professor, Advogado, Diácono.

² Bacharel em Teologia no Instituto Teológico Dom Hermínio Malzone Hugo. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dom Luciano Mendes de Almeida.

A comunicação é uma prática humana decisiva para compreensão dos processos de construção cultural. Desde a origem da história humana a comunicação possibilitou a definição dos valores e das referências para a organização do viver e para transmissão dos meios necessários à perpetuação dos costumes. O ser humano é comunicacional e constrói seus sentidos de vida no território da comunicação.

A Igreja Católica Apostólica Romana recebeu a missão divina de propagar a mensagem da Boa Nova a todos os povos, portanto, tem, em sua medula, a missão de comunicar, que cumpre desde os primeiros momentos de seu nascimento.

Por outro lado, o advento da modernidade e as transformações daí oriundas, provocou, especialmente no campo da comunicação, impactos e mudanças exponenciais, levando a Igreja a assumir uma postura defensiva por entender que as mudanças colocavam em risco sua função de guardião dos conteúdos da fé.

A pesquisa que culminou neste artigo partiu, portanto, do seguinte problema: Como a Igreja Católica Apostólica Romana se posicionou, ao longo dos séculos, com relação ao tema comunicação social? Como pensa atualmente?

A solução provisória do problema deu conta de mostrar que a Igreja, embora sempre tenha lidado com comunicação, ficou apreensiva e resistente com o aparecimento de formas modernas de comunicação, mas conseguiu aperfeiçoar sua visão a partir do Concílio Vaticano II e apresenta, contemporaneamente, um consistente conteúdo orientativo sobre os processos de comunicação social.

Para percorrer o caminho entre o problema e a hipótese da pesquisa, a estratégia adotada foi a busca bibliográfica. Desde alguns apontamentos históricos, passando pelo documento *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II e pelos documentos pontifícios que se seguiram ao Concílio, até o vastíssimo ensinamento do atual sucessor de Pedro: Papa Francisco.

O artigo é dividido, além da introdução e conclusão, em três partes: A primeira parte faz uma retomada histórica da relação Igreja e comunicação, apontando para aspectos históricos relevantes para compreensão do tema; a segunda parte explora o documento *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II, o primeiro posicionamento oficial da Igreja sobre o tema; a terceira parte apresenta os escritos e reflexões que os papas posteriores ao concílio Vaticano II trouxeram sobre comunicação social, especialmente por ocasião do Dia Mundial da Comunicação, criado pelo Decreto *Inter Mirifica*.

A Igreja compreende que a comunicação é direito natural – direito de toda pessoa e dever das instituições que assume a função de educar e cooperar para o aperfeiçoamento do gênero humano, portanto, preocupa-se com o tema, estuda-o com profundidade e oferece sua parcela de contribuição para os melhores direcionamentos sobre o tema.

2 IGREJA E COMUNICAÇÃO

A participação da Igreja Católica Apostólica Romana na história da comunicação é antiga e baseada na tentativa de disseminar a verdade recebida de Jesus Cristo e fundamentada na fé que emana da Sagrada Escritura, da Tradição Apostólica e do Magistério.

A partir de século I a Igreja foi galgando relevante espaço no processo de construção do conhecimento e, concomitante a isso, se tornando especialista na comunicação dos conteúdos que produzia, especialmente considerando os conteúdos relativos às verdades de fé e à moral.

Em contrapartida, outras forças da sociedade sempre desenvolveram outros conteúdos, muitas vezes diversos e até contrários à forma de pensar da Igreja que, para responder a isso, buscava combater a comunicação secular daqueles conteúdos, considerados ameaças desfavoráveis à fé e à moral defendidas pela Igreja.

A divergência entre as perspectivas de comunicação e de conteúdos se acentua no final Idade Média, século XV, em que acirra-se o confronto entre instituição eclesial e os meios de comunicação emergentes, especialmente potencializado com o aparecimento e o aperfeiçoamento da máquina de imprensa.

[...] Iniciando com a imprensa no século XV, de maneira que os novos meios de transmissão do saber vão sendo absorvidos, utilizados e instrumentalizados de acordo com o paradigma de comunicação da época. Acompanhando, então, as mudanças históricas que forçaram transformações na estrutura organizacional, tanto na sociedade como na Igreja, dá-se um confronto da instituição eclesial com os meios de comunicação. Assim temos a primeira fase, caracterizada por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão. Período extenso e intenso, projetado através da Inquisição. Nesta fase, a Igreja é a intermediária entre a produção do saber (não somente o teológico) e a sua difusão na sociedade (PUNTEL, 2011, p. 223).

O século XV é de suma importância para o desenvolvimento e a difusão da comunicação não eclesial. É neste período que os membros da sociedade secular, que compunham a elite intelectual, ampliaram sua liberdade para publicar seus saberes na imprensa emergente: jornais e livros, considerados profanos pela Igreja. O crescimento da imprensa e a diversidade de conteúdos publicados ameaçava a ordem estabelecida e mantida pela Igreja.

O receio de perder espaço e de colocar em risco sua missão de salvar as almas, leva a atitudes como a do Papa Inocêncio VIII, que escreve o documento intitulado *Inter Multiplices*, com o objetivo exortar aos bispos da Alemanha sobre o perigo dos livros que passaram a ser multiplicados com facilidade da inovação tecnológica da máquina de imprensa de Gutemberg (1439) (GERONAZZO, 2020).

Em 1487, Inocêncio VIII publica o *Inter Multiplices*, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los. O papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesial da produção cultural de seu tempo (PUNTEL, 2011, p. 224).

Seguindo a esteira do Papa Inocêncio VIII, que considerava os escritos emergentes imorais, o Sumo Pontífice Clemente XIII, em 1766, tomou a mesma iniciativa, condenando os escritos por meio da encíclica *Christiane Reipublicae*, que tinha como finalidade exortar aos bispos a combaterem os escritos condenados, confiscando-os, pois teriam estes uma finalidade imoral aos olhos da Igreja.

Veneráveis Irmãos, a quem o Espírito Santo colocou como Bispos para governar a Igreja de Deus e ensinou sobre o sacramento singular da salvação humana, não podemos, em tão grande corrupção de livros, mas excitar, segundo o que é nossa tarefa, o zelo da vossa fidelidade, para que - chamados a participar na pastoral - vos dediqueis a ela o máximo esforço possível. Devemos lutar ferozmente, como a própria circunstância exige, com todas as nossas forças, para erradicar a praga mortal dos livros; de fato, a questão do erro não pode ser eliminada até que os elementos perturbadores da pravedade pereçam queimados [...]. Em um mundo, você odeia livros em que você encontra algo que ofende o leitor, ou entra em conflito com a Fé, Religião, boa moral e não reflete a honestidade cristã. Nisto felicitamos com muita alegria muitos de vós que, aderindo às instituições apostólicas, como valentes vingadores das leis eclesialísticas, fortes e vigilantes, puseram todo o zelo para afastar esta praga, impedindo os ingênuos de dormir com cobras (CLEMENTE XIII, 2022, p. 2).

Anos mais tarde, no pontificado de Leão XIII, veio uma inovação no que tange ao combate aos escritos imorais: o Papa exortou aos Bispos sobre a necessidade de se opor aos escritos – um por um– utilizando do mesmo meio de comunicação social para defender a fé! Assim destaca Puntel, que vê como um grande avanço da Igreja a proposta do Papa Leão XIII, que ao invés de confiscar os livros e jornais, propôs uma estratégia argumentativa a cada um dos conteúdos que ameaçava o ponto de vista da Igreja.

Leão XIII teve uma abordagem que ia além das lamentações oficiais do passado. Ele enfatizou o fato de que era necessário opor “escrito a escrito”, “publicação a publicação”, e falou muitas vezes dessa postura aos bispos de diferentes regiões. Nesse sentido, a Igreja Católica começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão. A postura eclesial era a de usar as tecnologias dos meios de comunicação como um “campo de batalha”. A Igreja raciocinou do seguinte modo: Se a sociedade estava utilizando os meios de comunicação social para difundir o mal, então a Igreja também deveria usar esses mesmos recursos para difundir a boa mensagem, de modo a combater esse mal (PUNTEL, 2011, p. 224).

Já no final do século XIX e no século XX ocorreu a explosão da comunicação, pois esta, além dos conteúdos impressos, se viu no as voltas com o surgimento e o desenvolvimento da radiodifusão, que possibilitou a comunicação em massa, seguida do cinema, que atraía inúmeras pessoas. O Papa Pio XI, desafiado pelas novidades, criou a *Organização Católica Internacional para o Cinema* (OCIC), além de escrever a encíclica *Vigilanti Cura*³, endereçada de maneira singular ao episcopado Norte Americano. A carta tinha como objetivo exortar os prelados sobre o cinema, em vista de resguardar os bons costumes, que estavam sob ameaça.

³ O Papa Pio XI em sua carta encíclica intitulada *VIGILANTI CURA*, expressa ao episcopado dos Estados Unidos a sua preocupação sobre o Cinema, principalmente pela cultura do lucro e da imoralidade que este meio se mal utilizado pode fomentar. O Pontífice ainda trata sobre a frustração em relação ao acordo assinado com os diretores da indústria cinematográfica no que tange uma produção que levasse em conta os preceitos morais dos frequentadores. Promessa essa não levada a sério pelos produtores de cinema. Ao mesmo tempo, o Pontífice exorta sobre a importância deste meio em seu reto uso na promoção da educação e da moral, convocando os católicos e outros grupos como os Israelitas e Protestantes a fiscalizarem e exigirem uma produção que leva em conta os princípios morais. Nisto, nota-se um crescente, pois Pio XI reconhece a importância deste meio de comunicação no que tange a promoção do lazer, para a promoção educação e etc.

A evolução do cinema no início do século XX impressionou Pio XI, que se tornou pessoalmente interessado na recente invenção. Essa nova tecnologia de comunicação levou-o a criar a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC) em 1928. Sua encíclica *VIGILANTI CURA* (1936), dirigida inicialmente à hierarquia eclesiástica dos Estados Unidos, menciona o poder e o potencial do cinema como tecnologia de comunicação. O documento faz alusão às experiências da “Legião da Decência”, que tinha sido formada com a finalidade de combater a produção de filmes moralmente prejudiciais. Realmente, alguns progressos já tinham sido alcançados em relação à atitude defensiva da Igreja, mas não havia ainda confiança plena no novo meio, nem mesmo uma tentativa de abordá-lo de maneira diferente e mais positiva (PUNTEL, 2011, p. 225).

A maturidade da Igreja, no que concerne à abertura para a discussão da comunicação de massa, inicia-se com o Pontífice Pio XI que, em 1929, autorizou a edificação de uma estação de rádio no “novo Estado” do Vaticano, depois do Tratado de Latrão. Foi o expediente usado pelo Sumo Pontífice para falar além dos muros do Vaticano, já que o rádio, neste período, conseguia chegar em diversos lugares do mundo, mesmo naqueles cujos os regimes totalitários impediam a expressão pública da fé.

Após a assinatura do Tratado de Latrão, em 1929, Pio XI encarregou Guilherme Marconi de construir uma estação de rádio no âmbito do novo Estado do Vaticano, para poder comunicar livremente além-fronteiras e falar aos católicos de todos os países e às regiões do mundo onde os regimes totalitários impediam os católicos de viverem livremente a própria fé. Para dirigir a nova rádio, Pio XI chamou o sacerdote jesuíta Pe. Giuseppe Gianfranceschi, físico e matemático. Em 12 de fevereiro de 1931, Pio XI inaugurou as instalações com um discurso em latim que suscitou grande emoção no mundo inteiro (JOSÉ, 2021, p. 2).

Ao aderir este meio de comunicação, Pio XII compreendeu a importância da comunicação social em uma sociedade plural e democrática, pois este instrumento exercia uma grande influência, notadamente na formação de opinião. O posicionamento de Pio XII fica evidenciado na Encíclica *Miranda Prorsus*, documento que destaca o cinema, a rádio e a televisão como ferramentas de grande potencial para as exigências pastorais.

Foi somente com o papa Pio XII (1939-1958) que a Igreja aprofundou e ampliou suas reflexões sobre as relações sociais dentro de uma sociedade democrática e sobre o papel da informação na constituição da opinião. De fato, o tema da opinião pública foi abordado em muitas palestras de Pio XII aos profissionais da comunicação. Convencido pela influência dos meios de comunicação de massa e por seu grande significado, Pio XII escreveu a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* (segunda encíclica sobre a comunicação no séc. XX-1957), sobre comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão. O documento evidencia “grande capacidade de análise e uma postura positiva em relação aos meios eletrônicos, ao seu potencial e às exigências pastorais que delas derivam” (PUNTEL, 2011, p. 225-226).

Ainda que, por séculos a Igreja tenha encarado os instrumentos de comunicação como opositores à fé, com a explosão da comunicação no século XX, ela amadureceu sua reflexão, e passou a ver, na utilização destes meios de informação e entretenimento, uma forma eficaz para a difusão do Evangelho, todavia, foi com o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em 1961, que as autoridades da Igreja, dentre tantas reflexões, dedicou-se também à comunicação, no Decreto Conciliar *Inter Mirifica*.

3 O DECRETO CONCILIAR *INTER MIRIFICA*

3.1 UM DOCUMENTO INOVADOR

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII com o objetivo de aperfeiçoar o diálogo da Igreja com a sociedade marcada pelos efeitos da Modernidade. Ao convocar o concílio, o Papa João XXIII percebia a necessidade de uma Igreja que pudesse fazer um diálogo com o mundo moderno. O Santo Padre propôs abrir a Igreja aos ares dos novos tempos, renovando sua capacidade de interagir com o mundo, comunicando a mensagem recebida dos Apóstolos com novas estratégias.

Respondendo aos impactos históricos da Reforma Protestante, a Igreja por séculos se fechou na apologética da fé, o que fez com que se fechasse para as necessidades do tempo e este fechamento ampliava a distância entre a Igreja e as pessoas, portanto, fazia-se necessário uma abertura ao diálogo, para que pudesse ir ao encontro do clamor do povo, compreender, à luz das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério, a realidade da sociedade.

As inúmeras experiências pastorais do então Cardeal Ângelo Giuseppe Roncalli, principalmente em seu ofício de Núncio Apostólico em diversas nações, levaram o Papa João XXIII a proporcionar tamanha novidade para Igreja: o Concílio Vaticano II.

A partir da Reforma protestante, a preocupação que dominou, por séculos, o cenário da Igreja católica, foi a defesa das verdades da fé. Atitudes de defesa, porém, trazem consigo o fechamento e o envelhecimento. Pela sua longa experiência pastoral e profunda sensibilidade humana, João XXIII sentiu a necessidade de abrir as janelas da Igreja, para que novos ares pudessem penetrar nela e renová-la a partir de dentro. Tornar a Igreja apta para dialogar e evangelizar o mundo contemporâneo foi o principal objetivo do Concílio Vaticano II (MARMILICZ, 2012, p. 1).

Dentre os diversos assuntos propostos no Concílio, o Papa não ignorou a necessidade de trabalhar a importância da comunicação social na vida da Igreja como um meio relevante para a difusão do Evangelho, assim, o Concílio Vaticano II aprovou o Decreto *Inter Mirifica*, o primeiro documento conciliar oficial da Igreja, que reconhece a comunicação social como um meio eficaz para a Evangelização na Igreja, publicado no dia 04 de dezembro de 1963.

O documento *Inter Mirifica* representou novidade na pauta conciliar, pois reconhecia a comunicação social como direito, portanto a Igreja deveria se valer de tal instrumento para a evangelização.

Na sessão de votação, o *Inter Mirifica* obteve 1.598 votos a favoráveis e 503 votos contrários à sua aprovação (PUNTEL, 2019, p. 17). Comparando o quórum de aprovação de outros documentos do Concílio Vaticano II, no *Inter Mirifica* teve um número dos discordantes muito grande, justamente pela falta de conhecimento dos votantes (Padres Conciliares) sobre a importância dos meios de comunicação para a evangelização, bem como pela persistência da postura arcaica, que marcara o passado da Igreja nesta matéria.

O número de votos contrários evidenciou a dificuldade em compreender que a Evangelização precisa se valer dos meios de comunicação social, além de se justificar por causa da pesada crítica feita, pela imprensa da época, à aprovação do documento pela Comissão Preparatória Central do Concílio. Estas críticas eram desconstrutivas e provocaram um clima de desconfiança com relação à validade e à

viabilidade do documento conciliar. Em especial as críticas vieram das impressas francesa, americana e alemã.

3.2 A COMUNICAÇÃO É UM DIREITO DE ORDEM NATURAL

O *Inter Mirifica* reconhece a comunicação social como um direito natural, visto que é um dever da Igreja utilizar deste meio para a evangelização, promovendo, por meio destes instrumentos, a educação cristã, no intuito da salvação das almas: “À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas” (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 3, 2015, p. 568). Outra novidade no documento é o fato de reconhecer que a sociedade tem o direito à informação, e que o ser humano pode valer-se das mídias sociais para a promoção do desenvolvimento a nível pessoal e comunitário, promovendo assim o progresso da sociedade.

Sem dúvida, é evidente que ela, devido ao progresso da sociedade hodierna e dos laços mais estreitos entre seus membros, chega a ser muito útil e quase sempre necessária; a comunicação pública e oportuna dos fatos e das coisas possibilita a cada homem um conhecimento mais perfeito e contínuo deles, de sorte que podem contribuir eficazmente para o bem comum e todos promovem mais facilmente um maior progresso de toda a sociedade civil. Portanto, é intrínseco à sociedade humana o direito à informação naqueles assuntos que interessam aos homens, quer tomados individualmente, quer reunidos em sociedade, conforme as condições de cada qual. (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 5, 2015, p. 569).

Embora a Igreja tenha reconhecido a comunicação social como algo positivo e importante para o progresso humano, não deixou de mencionar os riscos e os danos que tais meios causam, quando mal utilizados, como se lê:

A mãe Igreja sabe que estes meios, rectamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao género humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus; sabe também que os homens podem utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína; mais ainda, sente uma maternal angústia pelos danos que, com o seu mau uso, se têm infligido, com demasiada frequência, à sociedade humana (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 2, 2015, p. 569).

A Igreja, atenta, buscou denunciar as diversas manipulações das consciências por aqueles que ignoram a ética ao utilizar os meios de comunicação, por isso buscou alicerçar no *Inter Mirifica* a importância da exortação a quem utiliza dos meios de comunicação: tenham como pressuposto a verdade. Logo, ser comunicador requer um compromisso moral, como salienta o documento: “o correto exercício deste direito, contudo, exige que a comunicação, quanto ao seu objeto, seja sempre verdadeira e, salva a justiça e a caridade, seja íntegra” (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 5, 2015, p. 569).

Dirigido aos protagonistas da evangelização, a Igreja encarrega a todos os seus membros da tarefa de fazer o uso dos meios de comunicação para evangelização, de forma especial recomenda aos Bispos o dever de implementar uma comunicação que seja eficaz na promoção das obras de apostolado (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 13, 2015, p. 573), para que a boa comunicação possa chegar nos diversos lugares, antecipando-se às más iniciativas da depreciação moral e religiosa.

O documento também exorta à necessidade da criação de uma boa imprensa, que seja capaz de produzir conteúdo que leve em conta a doutrina da Igreja e os princípios católicos. Além de admoestar aos fiéis católicos à leitura dos escritos capazes de formar para um julgamento cristão sobre todos os acontecimentos da vida da sociedade e da Igreja.

Outro ponto que o documento traz como uma grande expressão de acolhida à comunicação é a orientação sobre os meios de comunicação via rádio, televisão e cinema. Exortando sobre a necessidade de implantação de estações católicas, onde for possível (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 14, 2015, p. 574).

O *Inter Mirifica*, destaca nos parágrafos 15 e 16, que se fomentem a implementação de escolas, faculdades, institutos e seminários imbuídos no espírito da comunicação, possibilitando assim, uma formação sólida, por meio da arte, da moral e da doutrina, sendo espaços propícios para formar jornalistas, cineastas, radialistas, artistas de televisão e demais interessados, tendo como base os valores Cristãos (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 15, 2015, p. 575).

Por fim, o documento destaca a importância da criação de um dia dedicado à comunicação, que deve ser comemorado em todas as dioceses, sob a responsabilidade dos Bispos e com o incentivo para que os fiéis participem,

recordando de suas obrigações à frente desta missão. Além da criação de secretarias nacionais para assuntos de imprensa, cinema, rádio e TVs. Estes devem ser amparados por todos os recursos.

[...] para que o múltiplice apostolado da Igreja sobre os meios de comunicação social mais eficazmente se engrandeça, comemora-se em todas as Dioceses, a juízo dos Bispos, um dia, no decorrer do ano, no qual os fiéis sejam instruídos acerca de suas obrigações nesta matéria[...] como, porém, uma eficaz apostolado para toda uma Nação está a exigir a unidade de intenções e de forças, o Santo Sínodo estabelece e ordena que Secretariados nacionais para assuntos de imprensa, cinema, rádio e televisão sejam instituídos em todos os países e amparados por todos os recursos (ROMANA, Decreto Inter Mirifica, n. 18, 2015, p. 576).

É a partir destas orientações e implicações do documento conciliar *Inter Mirifica*, que o Papa Paulo VI escreve a primeira mensagem para o dia Mundial das Comunicações Sociais, no ano de 1967 dando início a uma tradição que vem sendo seguida pelos demais pontífices: Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II Bento XVI e o atual Papa Francisco, que além da mensagem para o dia Mundial das Comunicações Sociais, buscaram publicar algumas exortações a respeito da comunicação, aperfeiçoando a mensagem à luz das exigências de cada tempo.

4 OS PAPAS E SUAS MENSAGENS SOBRE A COMUNICAÇÃO

Seguindo a determinação do documento *Inter Mirifica*, coube ao Papa Paulo VI a primeira mensagem por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais, que ocorreu no dia 07 de maio de 1967. Em sua mensagem, o Papa destacou os vastos e complexos fenômenos dos meios modernos de comunicação social, o que caracterizava a civilização moderna. A tecnologia, segundo o Papa, possibilitou a superação do tempo e espaço, tornando o homem um cidadão do mundo, coparticipando, mesmo à distância, dos acontecimentos do mundo. E isto representou uma verdadeira transformação social e cultural, o que influenciou de forma direta também na vida religiosa (PAULO VI, 2022a).

O Papa ainda escreve que as mídias sociais possibilitaram o compartilhamento de conhecimentos, cultura, costumes dos povos e da ação evangelizadora por meio da difusão de mensagem evangélica via mídias sociais.

Deve ser, portanto, muito apreciada, no seu justo valor, a contribuição que a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e os outros meios de comunicação social oferecem ao incremento da cultura, à divulgação das obras de arte, à distensão dos ânimos, ao mútuo conhecimento e compreensão entre os povos, e também à difusão da mensagem evangélica (PAULO VI, 2022a, p. 1).

Contudo, o papa alerta sobre os cuidados que se deve ter com estes meios de difusão, uma vez que eles têm, por natureza, o compartilhamento de pensamentos, imagens, informações, além de publicidade. Deve se ter um certo cuidado, visto que desempenham o papel de influenciar o modo de pensar e agir de cada indivíduo e dos grupos sociais, exercem também uma pressão sobre os espíritos e incidem profundamente sobre a mentalidade e sobre a consciência das pessoas.

O Papa, portanto, alertava sobre a responsabilidade que se deve ter ao utilizar estes meios de comunicação, pois em contraposição à sua grande eficácia, grandes também podem ser os danos trazidos quando difundem e veiculam informações enganosas. Paulo VI encerra a primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais lembrando sobre a importância deste dia para um despertar saudável das consciências, em virtude da solidariedade entre os povos.

No intuito de aprofundar ainda mais sobre o tema da comunicação, o pontificado de Paulo VI é marcado pelo documento *Communio et Progressio*, instrução pastoral de 1971, que para alguns pensadores, é marcada pela evolução do pensamento sobre os meios de comunicação social. Não se trata de um documento dogmático, mas, em seus 187 parágrafos, retrata a importância das mídias sociais na sociedade e seu papel na vida da Igreja. Escreve o Papa: “o desenvolvimento técnico destes meios, aumenta a facilidade com que maior número de pessoas e cada um em particular lhes pode ter acesso; aumenta também o grau de penetração e influência na mentalidade e comportamento das mesmas pessoas”. (PAULO VI, 2022b, p. 1).

Portanto, o papa Paulo VI percebe que a Igreja não deveria se opor a estes mecanismos de comunicação, mas encara-los como benevolência, dons de Deus que, se bem utilizados, colaboram no desenvolvimento da solidariedade e da vida fraterna. Logo, estes instrumentos podem colaborar com a dimensão salvífica, quando se pautam no cuidado da vida, na dignidade da pessoa humana, colaborando com a

evangelização em prol da vontade de Deus. “A Igreja encara estes meios de comunicação social como "dons de Deus", na medida em que, segundo intenção providencial, criam laços de solidariedade entre os homens, pondo-se assim ao serviço da Sua vontade salvífica” (PAULO VI, 2022b, p. 1).

Outro documento que precisa ser considerado é a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, embora não trade exclusivamente sobre comunicação. Nela o Papa alertava para o uso das mídias sociais como meio de anúncio do Evangelho. Afirma o Papa que elas ampliam o anúncio, fazendo-o chegar a milhões de pessoas. “Nelas [a Igreja] encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a elas consegue falar às multidões” (PAULO VI, 2022c, p. 21).

O Papa Paulo VI afirma ser um dever da Igreja usar dos meios de comunicação, pois do contrário a Igreja incorre na culpa de não cumprir sua missão de anunciadora da Boa Nova. “A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados” (PAULO VI, 2022c, p. 21). O Papa exorta ainda ao comprometimento moral com a palavra que se comunica, a fim de não disseminar perigosas mentiras.

Entretanto, o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de homens, mas com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de fato o único, com tudo aquilo que tem de mais singular e pessoal, a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal (PAULO VI, 2022c, p. 21).

Após uma lacuna, marcada pelas profundas transformações da sociedade e do campo midiático, onde o mundo assistiu à passagem do analógico para o digital (PUNTEL, 2012, p. 16), surgiu, no pontificado de João Paulo II, um novo documento sobre comunicações. Em 1989, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, publicou o documento “*Pornografia e violência nos meios de comunicação Social*”. Este documento foi uma tentativa de trazer uma resposta pastoral frente aos desafios da época.

De forma sistemática, o documento do Pontifício Conselho enfrenta o drama da pornografia e a violência fomentada pelos meios de comunicação social, como afirma o Conselho: “Um dos fenômenos alarmantes destes anos tem sido a crescente difusão da pornografia e a generalização da violência nos meios de comunicação social” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2022, p. 2). Tal documento tece um comentário crítico acerca dos benefícios e malefícios que a comunicação social pode ocasionar na sociedade, pois está a serviço de uma visão deformada da família, da religião e da dignidade humana pode causar danos terríveis a sociedade.

Os meios de comunicação social podem ao mesmo tempo ser eficazes instrumentos de unidade e de compreensão mútua e veículos de uma visão deformada da vida, da família, da religião e da moralidade - segundo uma interpretação que não respeita a autêntica dignidade nem o destino da pessoa humana. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 2022, p. 4).

Em 1992, com o Papa João Paulo II, surge a Instrução Pastoral *Aetatis Novae*, sobre as comunicações sociais, no vigésimo aniversário de *Communio et Progressio*, que sintetiza aspectos da comunicação, além de fazer emergir, sobretudo, a necessidade de uma pastoral da comunicação e na comunicação, apresentando elementos essenciais para uma eficiência da atividade pastoral. Para Puntel (2012, p. 17), o documento não apresenta novidades, a não ser a preocupação com os profissionais da comunicação, que por vezes sofrem com pressões psicológicas, o que envolve problemas relacionados à ética na comunicação.

Com um foco nas questões éticas, em 1997, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais publicou o documento *Ética na publicidade*; em 2000 a *Ética nas Comunicações Sociais*; e, em seguida, publicou em 2002 *Igreja e Internet* e *Ética na Internet*⁴.

⁴ Para mais informações sobre estes documentos é possível explorar Puntel (2012, p. 17-24), que explica sobre como estes documentos chamam à reflexão sobre a responsabilidade na comunicação, alertando sobre a necessidade de princípios regulamentadores que preservem a ética, contudo, respeitando a liberdade de decisão da pessoa, os documentos não trazem determinados quais são estes princípios norteadores, mas incentivam a sociedade ao senso crítico, para que estas medidas sejam tomadas em vista do bem comum.

Em 2005, o Papa João Paulo II, publica a Carta Apostólica *O rápido desenvolvimento*. Neste documento, o Papa buscou recordar os quase 40 anos do documento conciliar *Inter Mirifica*, que acolhe e orienta para a utilização dos instrumentos de comunicação na evangelização. João Paulo II afirma que após este tempo do documento conciliar a Igreja tem a necessidade de não somente utilizar o *mass mídia*, mas a integrar na mensagem salvífica da nova cultura⁵. Para isto, a necessidade do diálogo com a realidade do tempo.

João Paulo II vê a necessidade do diálogo com o tempo. Só assim a Igreja será capaz de comunicar o Evangelho, levando em conta a pluralidade da sociedade, o que exige cada vez mais o diálogo, numa linguagem pela qual é capaz de se comunicar com a cultura atual. Portanto, o Papa entende que é preciso aproximar o Evangelho com a vida das pessoas. A comunicação deve levar em conta a linguagem do outro, só assim a mensagem será entendida. Para tal, é preciso se atualizar e servir dos diversos instrumentos de comunicação, o que ultrapassa os mencionados no documento conciliar, dada a evolução tecnológica.

Nota-se que o Papa João Paulo II apresenta uma leitura progressista no que tange à comunicação. Claro, isto é fruto do tempo, da realidade que se apresenta, mas não se pode negar que o Papa João Paulo II revoluciona a Igreja ao convidá-la a dialogar com a cultura de hoje (Cf. CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 65), valendo-se cada vez mais das *Mass media* para anunciar o Evangelho, fazendo deste meio um campo indispensável nos tempos hodiernos da Igreja.

Com o falecimento do Papa João Paulo II, coube aos seu sucessor a mensagem pela ocasião dos quarenta anos do *Inter Mirifica*, o que ocorreu no ano de 2006, pelo Papa Bento XVI. Ele retomou o documento de João Paulo II sobre *O rápido desenvolvimento*. Bento reconhece em sua mensagem o quanto as mídias têm o poder de influenciar, e alerta sobre a necessidade da responsabilidade para usufruir da melhor forma destas potencialidades em benefício da sociedade. O Papa recorda os três pontos tratados em *O rápido desenvolvimento*: formação, participação e diálogo.

Trata-se da formação para o uso responsável e crítico da mídia; como serviço público, é necessário que a comunicação social possua em espírito de

⁵ Cf. *O rápido desenvolvimento*, n. 02.

cooperação e corresponsabilidade; a comunicação deve, também, promover o diálogo “através” do intercâmbio de cultura, a expressão de solidariedade e a adesão à paz (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 105-106).

Dentre as diversas mensagens, se destaca a mensagem por ocasião do 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, na qual o Papa Bento XVI reconhece que a era digital se tornou parte integrante da vida humana, logo, a utilização dos meios sociais de comunicação não se trata simplesmente para satisfazer o desejo de estar presente, mas já um fator cultural.

Não se tem dúvida de que a tecnologia transformou a vida da sociedade: surge um novo meio de comunicar, o que provoca mudança da própria comunicação em si mesma. Com um isso, um novo jeito de aprender e pensar. E isto exige uma adaptação dos métodos de ensino, de informação, de comunicação e de evangelização. Este é o grande desafio apresentado por Bento XVI.

É com o se estivéssemos vivendo uma nova civilização. Aprender e pensar, ousamos dizer, necessitam absorver uma modalidade nova, nos sistemas de educação, de elaboração do pensamento, entre outros. A consequência pode ser óbvia, como entendimento, mas como prática requer a mudança de métodos de ensino, de in formação, de comunicação, de evangelização (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 125).

Apesar dos desafios dos novos *media*, a Igreja é chamada a encarar a realidade do tempo e buscar na criatividade consciente e responsável atuar nas redes de relações que a era digital proporcionou, na certeza de que o anúncio do Evangelho também pode e deve ser feito nestes meios.

A web está contribuindo para o desenvolvimento de formas novas e mais complexas de consciência intelectual e espiritual, de certeza compartilhada. Somos chamados a anunciar, neste campo também, a nossa fé: que Cristo é Deus, o Salvador do homem e da história, Aquele em quem todas as coisas alcançam a sua perfeição. (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 127).

Em sua última mensagem por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais, Bento XVI destacou que as redes sociais é lugar de evangelização, portal da fé. Mais uma vez, a Igreja reconhece e fomenta a necessidade do diálogo com a

cultura contemporânea, condição indispensável para desenvolver a evangelização. Para tal, é preciso despertar para o *educar-se para o digital* (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 133), principalmente no que tange à linguagem e às metodologias.

Em 2013, inicia o pontificado do Papa Francisco, que chama a atenção principalmente sobre o relacionamento virtual, como sendo lugar do encontro, mas também – e em contrapartida – o lugar do autoisolamento.

Francisco busca em seus documentos, além das mensagens do dia Mundial das Comunicações, fomentar o pensamento comunicacional de forma integrada, o que é notório em suas encíclicas, exortações pastorais, discursos, catequeses etc. Um dos documentos que chama a atenção neste quesito é a Encíclica *Laudato Si*, em que o Papa afirma que tudo está intimamente interligado, isto em relação às pessoas, ao planeta e até mesmo na dimensão espiritual. Para Francisco, tudo está interligado pelo amor e pela fraternidade humana, que abraçam todos os seres humanos, tornando-os iguais e corresponsáveis.

Na ocasião da mensagem do Dia mundial de Oração pelo cuidado da criação, que foi celebrado no dia primeiro de setembro de 2016, Francisco destacou sobre a importância do cuidado com a Casa Comum, exortando a ter-se misericórdia para com o planeta, ressaltando a integração entre o homem e o meio ambiente; e que, ao agredir a natureza, o homem se auto maltrata, uma vez que tudo está intimamente interligado.

“A terra clama”, diz o Papa, lembrando de que a ecologia integral compreende os seres humanos que estão profundamente ligados entre si e à criação na sua totalidade: “Quando maltratamos a natureza, maltratamos também os seres humanos” (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 139-140).

Segundo o Papa Francisco, se deve exercer a comunicação do coração do Evangelho. Portanto, evangelizar implica saber comunicar. Não se trata de preocupar com muitos conteúdos, mas ter em conta o contexto do interlocutor (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 140), o que envolve o conhecimento do que anuncia a Igreja. Sendo um desafio a ser enfrentado, ainda mais em tempos de tantas informações. Em sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco destacou sobre a importância da comunicação que fomenta a cultura do encontro.

Para isto, é preciso que a comunicação, de fato, comunique, que seja autêntica, que leve em consideração a cultura e que promova o encontro.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. (FRANCISCO, 2022a, p. 2).

Francisco ainda recorda que a comunicação não se dá apenas pelos meios digitais, na verdade, é na família que se começa a comunicação, lugar este privilegiado do encontro na gratuidade do amor⁶. Ele recorda que a comunicação acontece de pessoa a pessoa. Com isto, procura uma volta ao originário para dizer que a comunicação tem que transmitir sentimentos, deve ter afeto, ser autêntica e humana (FRANCISCO, 2022a, p. 3).

Francisco utiliza em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2015 – *Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor* – a imagem de Maria e Izabel em seu íntimo relacionamento materno, em que o filho salta de alegria no ventre de Izabel ao ouvir a saudação de Maria, é o exultar da alegria do encontro, lugar em que a comunicação se inicia.

O ventre que nos abriga é a primeira 'escola' de comunicação, feita de escuta e contato corporal, onde começamos a familiarizar-nos com o mundo exterior num ambiente protegido e ao som tranquilizador do pulsar do coração da mãe (FRANCISCO, 2022a, p. 4).

Outra mensagem muito significativa do Papa Francisco ocorre em 2018: *Fake News e Jornalismo de Paz*. Para esta mensagem o Papa se serve da narrativa do livro de Gênesis, quando Adão e Eva deixam-se ser seduzidos pela serpente. Segundo

⁶ Cf. Mensagem do Papa Francisco para o 49º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2015

Papa, é preciso desmascarar a comunicação da lógica da serpente, que se camufla e morde em qualquer lugar.

Com efeito, é preciso desmascarar uma lógica, que se poderia definir como a «lógica da serpente», capaz de se camuflar e morder em qualquer lugar. Trata-se da estratégia utilizada pela serpente – «o mais astuto de todos os animais», como diz o livro do Génesis (cf. 3, 1-15) – a qual se tornou, nos primórdios da humanidade, artífice da primeira fake news, que levou às trágicas consequências do pecado, concretizadas depois no primeiro fratricídio (cf. Gn 4) e em inúmeras outras formas de mal contra Deus, o próximo, a sociedade e a criação (FRANCISCO, 2022c, p. 2).

As *fake News*, disseminadas estrategicamente, vendem imagens deturpadas da realidade, sob forma aliciante e sedutora. Francisco simboliza tal prática na imagem da serpente sedutora, a primeira disseminadora dessa mensagem falsa e destruidora.

A estratégia deste habilidoso «pai da mentira» (Jo8, 44) é precisamente a *mimese*, uma rastejante e perigosa sedução que abre caminho no coração do homem com argumentações falsas e aliciantes. De facto, na narração do pecado original, o tentador aproxima-se da mulher, fingindo ser seu amigo e interessar-se pelo seu bem. Começa o diálogo com uma afirmação verdadeira, mas só em parte (FRANCISCO, 2022c, p. 3).

Ao comentar sobre as *fake News*, Helena Corazza e Joana Puntel, recordam a rapidez com que se disseminam as notícias falsas, sendo estas mais rápidas e mais consumidas do que as notícias verdadeiras. Principalmente quando a temática envolve questões ligadas à política. As autoras ainda destacam que a manipulação dos meios digitais dificulta o reconhecimento da veracidade das informações, dos fatos. Isto se dá devido à existência de verdadeiros laboratórios com um único objetivo: disseminar notícias falsas. Como meio estratégico, Corazza e Puntel orientam ao leitor que verifique a fonte, se realmente possui credibilidade de mercado (CORAZZA; PUNTEL, 2019, p. 158).

De forma exortativa, o Papa Francisco convida aos comunicadores, principalmente aos jornalistas, a serem guardiões da Boa Notícia, comprometidos com uma linguagem honesta, não aquela carregada de *slogans* sensacionalistas, com

enunciados bombásticos, mas sim, um jornalismo sério, que de fato comunica. Um jornalismo feito de pessoa para as pessoas. É um serviço, principalmente daqueles que não possuem voz e nem vez na sociedade. De um jornalismo que se dedique na busca da realidade dos fatos, do problema em si, para que soluções venham a serem implementadas.

Desejo convidar a que se promova um *jornalismo de paz*, sem entender, com esta expressão, um jornalismo «bonzinho», que negue a existência de problemas graves e assuma tons melífluos. Pelo contrário, penso num jornalismo sem fingimentos, hostil às falsidades, a *slogans* sensacionais e a declarações bombásticas; um jornalismo feito por pessoas para as pessoas e considerado como serviço a todas as pessoas, especialmente àquelas – e no mundo, são a maioria – que não têm voz; um jornalismo que não se limite a queimar notícias, mas se comprometa na busca das causas reais dos conflitos, para favorecer a sua compreensão das raízes e a sua superação através do aviamento de processos virtuosos; um jornalismo empenhado a indicar soluções alternativas à *escalation* do clamor e da violência verbal (FRANCISCO, 2022c, p. 3).

Na ocasião do 55º Dia das Comunicações Sociais, o Papa Francisco conclama os jornalistas a *gastarem as solas dos sapatos*, isto é, *ir e ver*, buscando a veracidade dos fatos, promovendo, assim, uma comunicação que condiz com a verdade. O Papa ainda recorda os diversos profissionais que doam a vida pela informação, e que muitas vezes são perseguidos por denunciar as injustiças cometidas contra os pobres e a criação.

O próprio jornalismo, como exposição da realidade, requer a capacidade de ir aonde mais ninguém vai: mover-se com desejo de ver. Uma curiosidade, uma abertura, uma paixão. Temos que agradecer à coragem e determinação de tantos profissionais (jornalistas, operadores de câmera, editores, cineastas que trabalham muitas vezes sob grandes riscos), se hoje conhecemos, por exemplo, a difícil condição das minorias perseguidas em várias partes do mundo, se muitos abusos e injustiças contra os pobres e contra a criação foram denunciadas, se muitas guerras esquecidas foram noticiadas. Seria uma perda não só para a informação, mas também para toda a sociedade e para a democracia, se faltassem estas vozes: um empobrecimento para a nossa humanidade. (FRANCISCO, 2022d, p. 2)

Por fim, no ano de 2022, o Papa Francisco convida toda a humanidade a *escutar com o ouvido do coração*. Como meio de provocação, o Papa desencadeou,

com vistas ao Sínodo dos Bispos, um processo de escuta que se espalha pelo mundo, uma forma vida de sinodalidade, que tem como objetivo ouvir todas as pessoas. Trata-se de um ouvir com empatia, pois em cada ser humano existe o desejo ilimitado de ser ouvido, compreendido.

A dialética da escuta deve começar a partir do próprio sujeito, é o primeiro a ser compreendido.

A primeira escuta a reaver quando se procura uma comunicação verdadeira é a escuta de si mesmo, das próprias exigências mais autênticas, inscritas no íntimo de cada pessoa” Só assim é possível compreender que no processo de comunicação não se pode recomeçar senão escutando aquilo que nos torna únicos na criação: o desejo de estar em relação com os outros e com o Outro. Não fomos feitos para viver como átomos, mas juntos. Sendo assim, o comunicador deve primeiro escutar! E isto é para todos, principalmente no contexto de pandemia em que escreveu o Papa: A capacidade de escutar a sociedade é ainda mais preciosa neste tempo ferido pela longa pandemia” (FRANCISCO, 2022e, p. 3).

Francisco ainda destaca em sua mensagem que o excesso de notícias e a veracidade das mesmas causou uma espécie de “info-demia, dentro da qual é cada vez mais difícil tornar credível e transparente o mundo da informação” (FRANCISCO, 2022e, p. 4). Como meio de superação, o Papa propõe a escuta: “É preciso inclinar o ouvido e escutar em profundidade” (FRANCISCO, 2022e, p. 4). Na Igreja não é diferente, deve-se exercer o *apostolado do ouvido*. Não basta falar, é preciso escutar.

O Papa Francisco, ao longo de seu pontificado, vem restaurando o sentido real e a gênese da comunicação que perpassa o diálogo, pelo contato que humaniza, proporcionando o fortalecimento de uma mídia que esteja a serviço da promoção do encontro, em uma comunicação responsável, pautada na ética e na fidelidade com a verdade.

5 CONCLUSÃO

O levantamento histórico sobre as orientações da Igreja sobre comunicação e a percepção dos avanços e amadurecimento experimentados nas últimas décadas revelam que Igreja tem significativa parcela de contribuição a oferecer sobre o tema

não apenas para os católicos, mas todas as pessoas, inclusive para os profissionais da área da comunicação social.

A Igreja, mesmo com a redução de seu poder temporal, por meio das revoluções aos longos dos séculos e com a separação entre Igreja e Estado, nunca se omitiu de deixar sua mensagem profética em defesa da vida e da fé! Sempre se levantou como instituição favorável à dignidade da pessoa humana e ao direito a uma comunicação baseada na verdade e inspirada pela ética.

Não resta dúvida de que o documento *Inter Mirifica* é um divisor de águas na vida da Igreja, pois foi ele que outorgou o uso dos meios de comunicação social em vista da difusão do Evangelho, buscando neste campo uma forma de anunciar a Boa Notícia. É o *Inter Mirifica* o único documento conciliar que reconhece os espaços midiáticos como lugar a ser utilizado em vistas do dinamismo pastoral.

As regras deixadas no documento se justificam cada vez mais, principalmente nos tempos de *fake News*, ou seja, em tempo de tantas notícias falsas. É preciso uma comunicação pautada na verdade, para isto a preparação dos fiéis leigos é fundamental, para que possam comunicar segundo o que orienta a Igreja. Aos bispos cabe a autoridade de fiscalizar e preparar os comunicadores que devem estar a serviço e em comunhão com o Magistério, que vem ao longo do tempo orientando a Igreja sobre como agir para que as sementes do Verbo continuem a ser semeadas.

Como exorta o *Inter Mirifica*, foi criado o Dia Mundial das Comunicações Sociais, que tem como missão, por meio do Sumo Pontífice, publicar uma mensagem sobre os benefícios e cuidados que se deve ter enquanto comunicadores. Prova disso, se percebe nos tempos hodierno, onde as notícias *fakes* são cada vez mais disseminadas e a Igreja, por meio do Papa Francisco e dos Bispos, vem conclamando à sociedade para que possa buscar cada a vez mais as fontes das diversas notícias que chegam, para que assim possam compartilhar aquilo que de fato condiz com a verdade. Lembrando que todos são comunicadores, logo, a responsabilidade com a verdade exige comprometimentos de todos.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Mensagem do Papa Bento XVI para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. **Mensagens**, 5 jun. 2011. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/>

messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html. Acesso em: 19 set. 2022.

CLEMENTE XIII. **Encíclica Christianae Reipublicae**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1766. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/clemens-xiii/it/documents/enciclica-christianae-reipublicae-25-novembre-1766.html>. Acesso em: 19 set. 2022.

CORAZZA Helena; PUNTEL, Joana. **Os Papas da comunicação**. Estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. **Mensagens**, 1 jun. 2014. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 19 set. 2022a.

FRANCISCO. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência Comum. Viagem Apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes. **Viagens**, 4 fev. 2019. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 19 set. 2022b.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais. "A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz. **Mensagens**, 13 maio 2018. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 19 set. 2022c.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais. "Vem e verás" (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são. **Mensagens**, 23 jan. 2022. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 19 set. 2022d.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o 56º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Escutar com o ouvido do coração. **Mensagens**, 24 jan. 2022. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 19 set. 2022e.

GERONAZZO, Fernando. Principais documentos da Igreja sobre comunicação. **O São Paulo**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/vaticano/principais-documentos-da-igreja-sobre-comunicacao/>. Acesso em: 19 set. 2022.

JOÃO PAULO II. Carta apostólica o rápido desenvolvimento. Aos responsáveis pelas comunicações sociais. **Cartas Apostólicas**, 24 jan. 2005. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2005/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo.html. Acesso em: 19 set. 2022.

MARMILICZ, André. Discurso de abertura do simpósio de teologia 2012. **Discurso de abertura**, Faculdade Vicentina, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://www.faculdadevicentina.com.br/noticias/539-simposio-de-teologia-2012-discurso-de-abertura>. Acesso em: 19 set. 2022.

ROMANA, Igreja Católica Apostólica. Decreto Conciliar *Inter Mirifica*. Sobre os meios de comunicação social. *In: Compêndio do Vaticano II*. Constituições, Decretos e Declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAULO VI. Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Os meios de comunicação social. **Mensagens**, 7 maio 1967. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html. Acesso em: 19 set. 2022a.

PAULO VI. **Instrução Pastoral *Communio et Progressio***. Sobre os meios de Comunicação Social publicada por mandato do Concílio Ecumênico II do Vaticano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 19 set. 2022b.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 19 set. 2022c.

PIO XI. **Carta Encíclica *Vigilanti Cura***. Sobre o cinema. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1936. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html. Acesso em: 19 set. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Pornografia e violência nas comunicações sociais uma resposta pastoral**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1989. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_07051989_pornography_po.html. Acesso em: 19 set. 2022.

PUNTEL, Joana. ***Inter Mirifica***. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.